



ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO DOS BEBÊS EM UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE FLORIANÓPOLIS-SC, EM 2017¹

Gisele da Silva Venâncio Pacheco

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo principal analisar estratégias que podem ser desenvolvidas e adotadas para melhorar a adaptação e acolhimento dos bebês em uma Instituição de Educação Infantil de Florianópolis-SC, em 2017. Através de uma pesquisa bibliográfica e de questionários buscou-se analisar quais fatores intervêm na adaptação de bebês, sob a visão dos pais, dos professores e coordenação da escola. Esta análise indica que estabelecer uma parceria entre escola e família facilita o processo de adaptação. Além disso, o fato do processo ser gradual na escola estudada também parece ajudar na criação desse novo vínculo para os bebês.

Palavras-chave: Adaptação dos bebês, Creche, Educação Infantil, Família.

1 INTRODUÇÃO

Por uma série de fatores, o início da vida escolar tem se tornado cada vez mais precoce. Compreender o processo de adaptação de bebês na educação infantil torna-se, assim, fundamental, considerando o convívio desses sujeitos e quais são as contribuições para o seu desenvolvimento.

Hoje em dia como as mães precisam retornar ao trabalho mais cedo, elas têm que estar cientes que seus filhos vão ficar em uma escola ou que precisarão contratar uma pessoa de total confiança para ficarem com seus filhos. Depois de tomar tal decisão, precisam saber que é um momento difícil tanto para a mãe quanto para o bebê, pois é um momento de separação, pois o

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação da professora Maria Cristina Schweitzer Veit, no segundo semestre de 2017.



bebê estava acostumado somente com seus familiares. A adaptação depende dos pais também, porque se eles passarem insegurança para o bebê, a adaptação será mais difícil. Sabe-se que a necessidade dos pais na atualidade de colocar seus filhos em creches desde os primeiros meses de vida gera nas famílias o sentimento de insegurança. Na escola, este sentimento gera uma maior dificuldade na adaptação dos bebês durante o processo inicial escolar.

Em uma escola de educação infantil, todo início de ano, nota-se que os pais se sentem muito inseguros ao deixarem seus bebês na escola e isso acaba passando para a criança. No início do ano escolar, o ambiente é estranho para a criança e é necessária a cooperação familiar, juntamente com o empenho da equipe pedagógica para que as crianças sintam prazer em criar vínculos e se ambientarem adequadamente na escola.

O período de adaptação e acolhimento dos bebês na instituição de educação infantil é um momento delicado, por diversos motivos como por exemplo: por estarem em um ambiente estranho, a alimentação, as pessoas que não são os familiares com quem convivem, as novas rotinas estabelecidas pela instituição, a ausência da mãe, a separação diária de seus familiares, etc. Entretanto, esse sentimento de estranheza não durará para sempre, logo as crianças se sentirão familiarizadas e seguras.

Segundo Rapoport e Piccinini (2001a, p. 81), “o processo de adaptação das crianças não se resume em dias, mas pode durar meses, dependendo da criança”. Contribui para a extensão do tempo, o fato de que a insegurança leva os pais a “desistirem” por alguns dias da escola e retomarem o processo de adaptação vezes seguidas. Rapoport e Piccinini (2001a, p. 81) destacam que “as faltas frequentes, as irregularidades nos horários de entrada e saída na escola também dificultam a adaptação por isso tende a se estender por mais tempo.” Os pais se sentem inseguros, pois é tudo novo para eles. Alguns sentem medo, insegurança devida à separação, desconfiança por pessoas estranhas ficarem com seus filhos. Tudo isso é natural que aconteça. Ainda segundo Rapoport e Piccinini (2001b, p. 82),

A entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida, é um momento crítico para o bebê, sua família e os profissionais da creche que irão trabalhar com eles, implicando num complexo processo



de adaptação. Num contexto social em que as mulheres precisam retornar ao trabalho poucos meses após o nascimento do filho.

Segundo Rodrigues (2014), o ingresso na creche tem importantes mudanças na vida das crianças e suas famílias pela ampliação das relações sociais até então vinculadas basicamente ao âmbito doméstico familiar. O estudo de estratégias é mais um olhar e não esgota essa temática, prescindindo de outros olhares e novas investigações.

Segundo Rapoport e Piccinini, algumas pesquisas apontam maior risco de apego inseguro para bebês que ingressam em cuidados alternativos durante o primeiro ano de vida. Independente da idade de ingresso em cuidado alternativos, a qualidade do atendimento é fundamental e interage com todos os outros fatores, sendo importante mediador da adaptação. Concluem, ainda, que há muito o que se fazer nessa área de atendimento infantil.

Embora haja consenso entre pesquisadores sobre a complexidade do período de adaptação à creche, existem também diversas inconsistências entre os estudos sobre o período mais adequado para se colocar o bebê na creche. Rapoport & Piccinini (2001) apontam o período mais crítico entre seis a doze meses, quando se estabelece o apego e aparece a reação frente a estranhos, e o período entre 15 e 22 meses, quando a criança fica longe da mãe.

Na verdade, não existe muito consenso nem mesmo sobre o próprio conceito de adaptação à creche e menos ainda sobre fatores que estão mais associados a este processo e como os bebês enfrentam as situações estressantes deste período. A adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação (Rapoport & Piccinini, 2001).

Desse modo, a pergunta de pesquisa a ser estudada foi:

Quais estratégias podem ser desenvolvidas para melhorar a adaptação e o acolhimento dos bebês em uma escola privada de Florianópolis-SC?

Com os objetivos específicos, pretendeu-se: compreender as questões sociais e psicológicas pertinentes a adaptação de bebês na educação infantil; analisar quais fatores intervêm na adaptação de bebês na visão dos pais; compreender as mediações entre bebês e seus cuidadores que potencializam



a adaptação e acolhimento neste processo; propor estratégias, a partir da análises realizadas, que potencializam a adaptação e acolhimento dos bebês na instituição pesquisada.

Para um melhor entendimento deste estudo, estruturou-se o artigo da seguinte forma: a introdução constitui o primeiro capítulo e apresenta a pesquisa. No segundo capítulo será discutido como eram as famílias no século passado, o papel da creche e do professor e as estratégias para adaptação dos bebês. O último capítulo traz a análise dos dados coletados e análise dos resultados. Por fim, têm-se as conclusões e as referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No século passado, a família “perfeita” tinha que ser constituída por pai, mãe e filhos biológicos, hoje essa visão mudou bastante. Na realidade, no século atual, a preocupação com a família não está centralizada na sua estrutura física, mas sim nas relações e interações que se constroem no seio familiar (PANIAGUA; PALACIOS, 2007).

Mesmo o simples choro faz parte do processo, algo já comentado no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, p. 82)

O choro da criança, durante o processo de inserção, parece ser um fator que mais provoca ansiedade tanto nos pais quanto nos professores. Mas parece haver, também, uma crença de que o choro é inevitável e que a criança acabará se acostumando, vencida pelo esgotamento físico e emocional, parando de chorar.

Entretanto, além do choro, outras reações também são relatadas na literatura. Vitória & Rossetti-Ferreira (apud Rapoport e Piccinini, 2001, p. 69) apontam que

... o choro não é a única reação de perturbação possível por parte da criança. Existem várias outras manifestações como por exemplo, gritos, mau humor, bater, deitar no chão (Balaban,1988) passividade, apatia, resistência à alimentação ou o sono e até mesmo ocorrência de doenças.

Oliveira (2002 apud Gonçalves e Damke, p. 3376) afirma que “quem trabalha com crianças pequenas sabe o quanto elas mudam e progridem de mês a mês e como muitas vez é difícil adaptar-se a essas mudanças tão rápidas e repentinas.”Daí a importância de se dar atenção aos pais, orientá-los sobre o processo que seus filhos estão dia-a-dia tomando parte, solicitando



que participem ativamente neste processo de adaptação.

Brites e Piccinini (2014) avaliaram os aspectos que facilitam a adaptação dos bebês. Realizaram entrevistas com vinte mães primíparas e concluíram que a tranquilidade da mãe ajuda no processo de adaptação, assim como a confiança que a mãe tem pela creche. Alguns aspectos que não facilitaram por parte da mãe, foram a insegurança ao deixar seu filho na creche, sentimentos de culpa, ansiedade nos primeiros dias. Já por parte do bebê foram: adoecimento, choro constante e excessivo, recusa do alimento. De qualquer modo, mesmo com algumas dificuldades, todos os bebês se adaptaram até o final do primeiro mês. A adaptação foi feita de forma gradual e com a presença da mãe.

Porcino e Bernardes (2016) recomendam que o professor deve acolher, cuidar, dar segurança, fazer pequenos gestos como: sorrir, olhar no olho, observar, dar carinho, pegar no colo quando necessário, pois consideram que esses afetos são importantes na adaptação dos bebês. O ambiente escolar deve ser acolhedor, aconchegante e seguro para proporcionar uma adaptação mais tranquila.

Rapoport (Apud Worst, 2016, p.26) reforça que “a adaptação de um bebê nunca é igual a outra, sendo necessário muitas vezes, adequarem-se os procedimentos de adaptação às particularidades de cada criança”. Worst (2016) indica que a inserção tem alguns aspectos delicados, como a separação precoce entre pais e bebês.

2.1 O papel da creche e do professor

As crianças pequenas são vistas como protagonistas de sua constituição humana, elas interagem entre si e com o mundo que as cerca. Portanto, é extremamente importante pensar em lógicas educativas que vão ao encontro das lógicas das crianças. As creches são de grande importância como um espaço social, onde as crianças interagem entre si e com adultos.

Segundo Holz (2014, p. 32) a creche é um espaço rico que promove a ação ativa dos bebês

Trata-se, portanto, de um contexto educativo no qual a criança vivencia diversificadas experiências ligadas a diferentes dimensões da formação humana (afetiva, estética, expressiva, social, corporal, nutricional, etc.) que atuam no processo de constituição dos indivíduos em uma dada cultura e sociedade. Essas experiências não



se dão no vazio, mas perpassadas por múltiplas relações estabelecidas com os diferentes sujeitos que fazem arte do contexto da educação infantil, os seus profissionais, as outras crianças, as crianças do grupo e da família.

As creches são espaços no qual as crianças se inserem, aprendem a viver, a fazer interações e novas descobertas através das relações sociais. As crianças são inseridas em um espaço diferente do ambiente familiar, em contato com outras crianças e com adultos desconhecidos, porém, esse espaço deve estar preparado pedagogicamente para acolher as crianças e suas famílias.

Assim como a creche, o professor também tem sua devida importância. Espera-se que o professor seja organizado, criativo, dedicado, pró-ativo, curioso, confiante, alegre, receptivo e afetuoso. Portanto, a creche e o educador devem ter um olhar minucioso para com as crianças. Esse olhar tem de ser cuidadoso, ativo e carinhoso. E, além de observar as crianças, busca compreender as mesmas, orientando-as.

Ser um educador é permitir que a criança se envolva num espaço onde ela se sinta segura e confiante, oferecendo a ela oportunidades de se reconhecer e lidar com seus sentimentos enquanto criança. É deixar a criança resolver seus próprios conflitos, de modo que possa avaliar as situações, proporcionando assim um ambiente promotor de desenvolvimento.

De acordo com Rocha e Ostetto (2008), o professor deve mudar e multiplicar seu olhar como uma forma de perceber a criança. Deve cultivar a sensibilidade do olhar para assim refletir sobre suas ações repensando sua situação, construindo uma relação de protagonismo compartilhado entre adulto e criança.

Cabe ao professor incentivar a autonomia das crianças, criando situações que as deixem curiosas e com vontade de expressar as suas emoções.

Deve-se considerar que o cuidar e o educar em sua integralidade, as formas de expressão das crianças, os saberes compartilhados das diferentes famílias, as múltiplas dimensões e as singularidades individuais de cada criança.



2.2 Estratégias para a Adaptação dos Bebês

Segundo Rizzo (apud Worst, 2016), algumas creches utilizam estratégias que podem facilitar esse processo, como a presença dos pais. Geralmente é a mãe que permanece na creche durante os primeiros dias; quando isso não é possível considerando que a maioria trabalha, pede-se algum objeto da criança ou da mãe. Ainda Rizzo cita que pode-se aumentar de forma gradual a permanência da criança na creche. Além disso, estabelecer um horário de chegada e saída pode auxiliar no processo.

Rapoport (apud Worst, 2016) indica que entrevistar os pais antes da inserção do bebê na creche, colhendo informações sobre seu desenvolvimento, hábitos, alimentação, sono, etc. é algo importante.

Martins et al. (2014) lembram que é quase um consenso a importância dos primeiros dias dos bebês na creche. Por conta disso, um tratamento especial deve ser dispensado nesse período de adaptação.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Apresentação dos dados coletados

Quanto ao aprofundamento do estudo, a pesquisa foi exploratória. Quanto ao método utilizado para a coleta de dados, a pesquisa foi qualitativa.

Segundo Chizzotti (apud Groppo e Martins, 2007), a análise qualitativa toma esses dados como parte de um contexto fluente de relações, não apenas como coisas isoladas ou acontecimentos fixos captados num instante de observação. Os dados não se restringem ao aparente, mas contêm ao mesmo tempo revelações e ocultamentos. Dá-se importância tanto ao conteúdo manifesto das ações e falas, quanto ao que é latente ou ocultado.

Os sujeitos foram as famílias, professoras da Educação Infantil e coordenação em um colégio de ensino privado de Florianópolis-SC.

A análise dos dados coletados foi realizada através de questionários feitos para: os pais, coordenação da escola e para três professoras (com idades entre 25 e 49 anos). Iniciei a pesquisa no dia 28 de agosto de 2017, com início às 8h da manhã quando os pais começavam a chegar na escola com seus bebês. O local foi na própria escola onde trabalho, em um colégio



privado de Florianópolis-SC. A escola autorizou a fazer o questionário com os pais, desde que eu conversasse com eles pessoalmente um a um. Assim, foram entregues os questionários em mãos para nove pais e conversado com cada um deles, explicando que eu estava fazendo o Projeto de Conclusão de Curso (TCC) sobre adaptação dos bebês e se eles tinham um tempo para poder responder. Ao aceitar, os pais levariam este questionário para casa para ser respondido. A medida que iam respondendo, iam me devolvendo. Ao final desse processo, oito mães entregaram os questionários preenchidos e estarão identificados por letras, de A até H. O mesmo processo foi feito para as três professoras, aqui identificadas com números 1, 2 e 3, e a coordenação.

Quanto a formação profissional, as três professoras são formadas em Pedagogia, sendo que uma possui pós graduação em Educação Infantil. O tempo de atuação profissional em Educação Infantil varia de três a vinte anos. A análise compreendeu os seguintes aspectos:

- idade ao ingressar na escola;
- o tempo de adaptação;
- o processo de adaptação e o acolhimento dos pais;
- papéis dos pais, professores e coordenação;
- o sentimento dos pais;
- pontos positivos do processo de adaptação;
- pontos negativos do processo de adaptação;
- sugestões de melhoria.

3.2 Análise dos dados coletados em forma de texto

Em relação à idade ao ingressar na escola, o Gráfico 1 mostra os dados coletados.

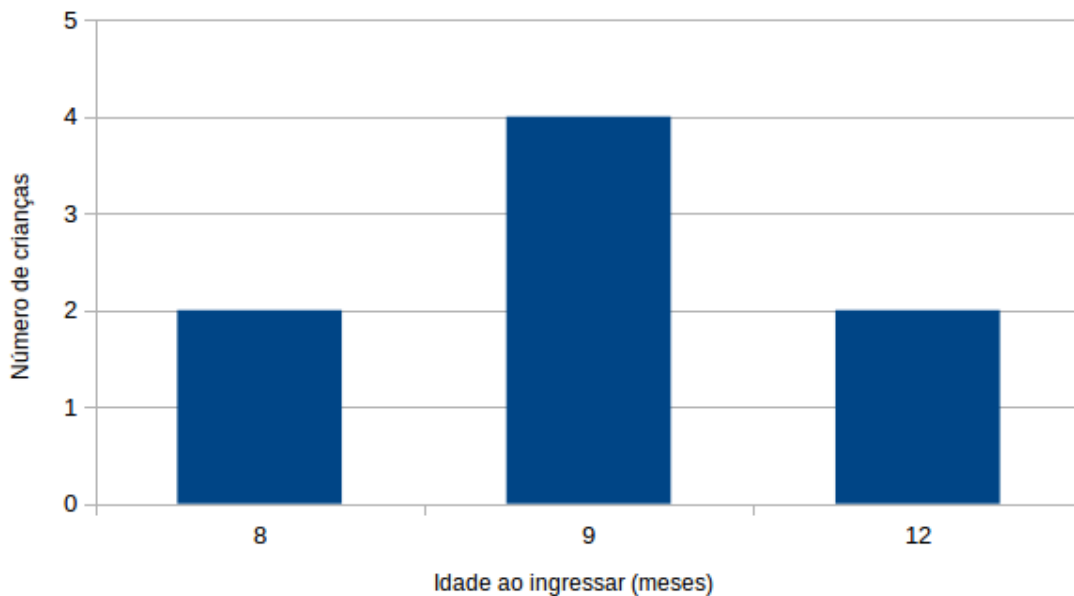


Gráfico 1: Caracterização do universo de crianças participantes da pesquisa pela idade com que ingressaram na escola.

3.2.1 O tempo de adaptação

Em relação ao tempo de adaptação, o Gráfico 2 apresenta os dados coletados. Destaca-se que não havia escala prévia e cada participante podia expressar o tempo da forma que achasse mais conveniente.

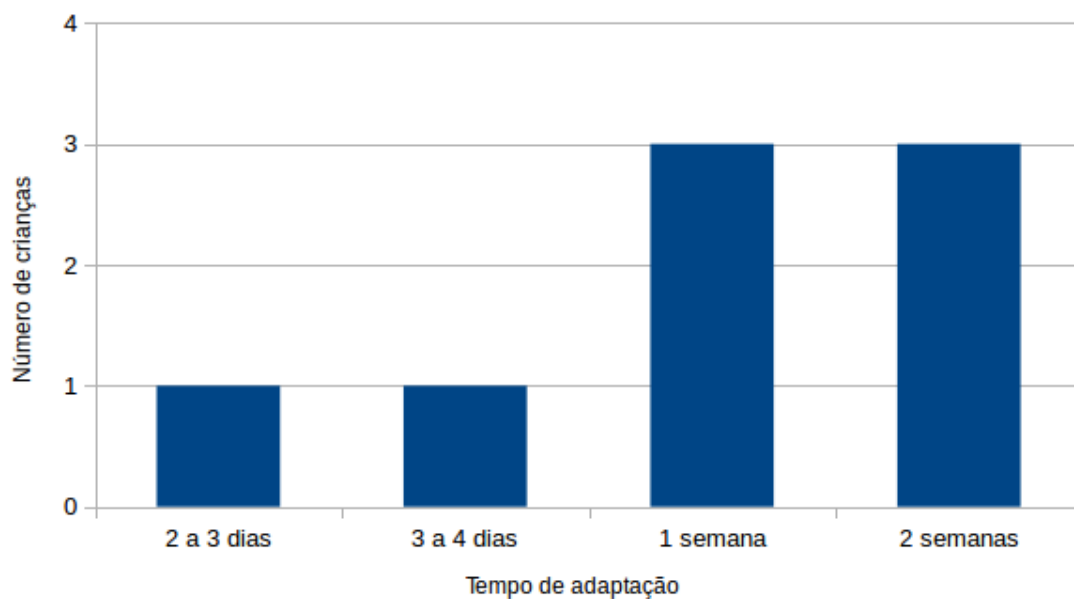


Gráfico 2: Caracterização do universo de crianças participantes da pesquisa em relação ao tempo de adaptação.

Nas respostas das professoras, todas as três indicaram que o processo



de adaptação leva em média de uma a duas semanas.

3.2.2 O processo de adaptação e o acolhimento dos pais

Todos os participantes (mães, professoras e coordenadora) indicaram que a escola explicou como seria o processo de adaptação. Algumas mães citaram que houve reunião alguns dias antes de iniciar as aulas.

Quanto ao processo de adaptação em si, cinco mães deram a mesma resposta: foi considerado “tranquilo”. Entretanto, devemos destacar que os pais permaneciam na escola nos primeiros dias. Nesse período, dependendo do grau de adaptação das crianças, as mesmas ficavam pelo menos uma hora na escola. Esse processo de adaptação foi instruído pela professora e pela escola, sendo que no primeiro dia foi feita uma reunião com a professora e a coordenadora pedagógica para saber as rotinas de cada bebê. O processo de adaptação foi realizado de forma gradativa: no segundo dia, com uma hora de duração; no terceiro dia, duas horas e no quarto dia, três horas. A opinião de três participantes foi de que o processo de adaptação foi um pouco mais difícil, tendo choro, mas para a mãe a “separação” era sempre dolorosa.

Perguntadas sobre o processo de adaptação, as professoras (1, 2 e 3) indicaram que a organização da adaptação se dá de forma processual, respeitando o tempo da criança e da família, mantendo alguns cuidados específicos e individuais que a criança está acostumada a ter em casa. Uma das respostas, ao encontro dessa necessidade foi:

“Tentar seguir a rotina de casa e aos poucos ir fazendo a rotina da escola” (professora 1). A mesma professora destacou que “é importante também que um dos pais ou responsável pela criança acompanhe os primeiros dias na escola. A adaptação precisa ser de forma gradativa, sendo que nos primeiros dias a criança fique por uma hora, no segundo dia por duas horas e assim por diante”.

No questionário para a coordenação, perguntou-se também sobre a organização do processo de adaptação. Segundo a coordenadora,

“O processo de adaptação acontece de forma gradativa, onde se busca a criação do vínculo entre professora e aluno” (coordenadora pedagógica da creche).



Sobre se o processo é explicado para os pais, a resposta da coordenadora foi positiva,

“O processo de adaptação é totalmente baseado no comportamento da criança e isso é deixado claro para os pais desde a primeira conversa” 9 coordenadora pedagógica da creche)

. Questionou-se, então, se havia alguma entrevista por parte da escola com os pais para conhecer melhor a criança, de modo a facilitar a adaptação. A resposta foi positiva, de acordo com a coordenadora:

“A escola busca conhecer as características e as 'manias' da criança.” (coordenadora pedagógica da creche)

Ao perguntar para a coordenadora se existe alguma situação que exige intervenção da coordenação, a resposta foi

“sim. Geralmente quando os pais estão inseguros e a professora não dá conta sozinha” (coordenadora pedagógica da creche).

Perguntando se os pais dão algum feedback sobre o processo para a escola/coordenação, a resposta foi de que:

“A maioria, pois antes da adaptação é feita uma entrevista com os pais sobre a criança. Após [a adaptação], os próprios pais fazem questão de dar esse retorno, mesmo que de forma informal.” (coordenadora pedagógica da creche)

A escola costuma deixar bem claro para os pais que o processo de adaptação é baseado no comportamento da criança, orienta os pais que estão inseguros quando a professora não dá conta sozinha. Nesse caso a professora e a coordenação pedagógica dão o suporte necessários para que a adaptação dos bebês se torne tranquila sempre orientando os pais que é importante nos primeiros dias eles permanecerem na escola para que essa adaptação seja de forma gradativa.

Segundo Rapoport e Piccinini (2001a, p. 81), “o processo de adaptação das crianças não se resume em dias, mas pode durar meses, dependendo da criança”. Contribui para a extensão do tempo, o fato de que a insegurança leva os pais a “desistirem” por alguns dias da escola e retomarem o processo de



adaptação vezes seguidas.

Segundo a BNCC (pag. 32) a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem em uma situação de socialização estruturada.

Na segunda pergunta para as professoras, a respeito do papel do professor nesse processo, as respostas foram

“O sucesso da adaptação das crianças, depende do acolhimento que o professor oferece, se mostrar seguro e determinado. Portanto, o papel do professor é receber e acolher bem seus alunos” (professora 1); .

“Se sentir seguro e determinado” (professora 2).

Sobre o papel dos pais, as respostas foram:

“Os pais são peças fundamentais nesse período de adaptação, porque podem passar a segurança que a criança necessita. A conversa informal entre pais e professores é de extrema importância, porque é nesse contato direto que a professora conhece um pouco mais sobre as particularidades de cada criança, por exemplo: Como costuma dormir, o que come, que brincadeiras mais gosta, seu comportamento” (professora 1);

“Se sentir seguro e confiante” (professora 2).

A respeito do papel da coordenação:

“É de orientar os professores e estar à disposição para atender e tirar dúvidas dos pais” (professora 1);

“Dar suporte para a professora e família” (professora 3).

Perguntou-se para a coordenadora sobre o papel do professor, dos pais e da coordenação.

A resposta foi de que “o professor é a referência na adaptação. Os pais precisam demonstrar segurança e confiança no trabalho da escola. A coordenação orienta e busca os pais que estão inseguros.”

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998,



p. 30)

A intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc.

É fundamental que o professor, auxiliares, equipe pedagógica façam um trabalho em equipe, sendo assim o professor se sente mais seguro para atender esses pais, principalmente quando inicia o ano letivo. Pois é nesse período que o professor precisa mostrar o seu trabalho demonstrando segurança aos pais, dando atenção, orientando-os e tentando deixá-los mais tranquilos.

3.2.3 O sentimento dos pais

A maioria das mães se sentiram seguras ao deixar seu bebê na creche, pois o ambiente escolar foi acolhedor e também porque estavam por perto. A mãe H relatou que se sentiu apreensiva nos primeiros dias e diz ter sofrido por ver seu bebê chorar. Com o passar dos dias, relata, percebeu a adaptação ocorrendo e foi se sentindo tranquila.

Em relação às professoras, ao perguntar se achavam que os pais se sentiam seguros, as respostas foram:

“Na grande maioria das adaptações os pais não se sentem seguros” (professora 2).

“Quando é feito um contato entre pais e professores e é tirado [sic] algumas dúvidas antes de começar a adaptação, os pais com certeza se sentem mais seguros” (professora 1).

Ao questionar se a coordenadora achava que os pais se sentem seguros, a resposta foi:

“Não. O nosso maior desafio sempre são os pais.”

Em relação ao sentimentos dos pais, a maioria relatou que foi tranquilo, mas não é isso que percebemos, quando os pais se sentem tranquilos e preparados para deixarem seus bebês na escola, o bebê não sente tanto ao



ser deixado com os profissionais (professores e auxiliares), mas quando passam insegurança o bebê chora mais, fica irritado, rejeita os alimentos na hora do lanche, chora muito para dormir. Esse processo de adaptação leva dias ou até meses dependendo da bebê.

Os pais devem estar preparados também para acolher as reações das crianças, que podem se manifestar de diversas formas, como Rodriguez (1981 apud Rapoport e Piccinini, 2001, p. 69) aponta que

As crianças manifestam diferentes reações durante o período de adaptação e estas muitas vezes são utilizadas para classificá-las como bem ou mal adaptadas. Por exemplo o choro é comum entre crianças nesse período, tanto na chegada quando a criança é deixada na creche pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la.

3.2.4 Pontos positivos do processo de adaptação

Com relação aos pontos positivos do processo de adaptação, foram relatados pelas mães:

“A permanência gradual na escola e a rotina, pois cada bebê tem um horário diferenciado de chegada, permitindo atenção especial a todos” (mãe H);

“Aguardar o tempo do bebê até que se sentisse seguro” (mãe F);

“A clareza das professoras” (mãe A);

“Ver o bebê bem no final do dia” (mãe A);

“Ficando um pouco cada período, o bebê vai reconhecendo o espaço e as professoras e auxiliares” (mãe B),

“Ambiente da escola” (mãe D);

“Confiança nos profissionais da escola” (mãe E);

“Processo individualizado, sendo que cada bebê tem seu tempo de adaptação” (mãe E);

“Professoras e auxiliares sempre muito receptivas, acolhedoras e carinhosas” (mãe G);

“Socialização e convívio com outros bebês” (mãe C);

“Conviver com outros pais e famílias” (mãe C).



As professoras, quando perguntadas sobre o que acreditam que dá certo nessa adaptação, responderam:

“A presença de um dos pais na escola nesse período é importante” (professora 1);

“A adaptação gradativa” (professora 3);

“Trazer de casa brinquedo ou algum 'cheirinho' que a criança mais gosta, pois este será a referência para a criança” (professora 1);

“Além de ter paciência, respeitar o tempo e a segurança da criança e da família” (professora 2).

Sobre o que dá certo no processo de adaptação, a coordenadora respondeu:

“A tranquilidade e a segurança da professora que sempre acredita que vai dar certo”.

Sobre a maior dificuldade na adaptação dos bebês, a resposta foi: “na insegurança dos pais”.

Rapoport e Piccinini (2001a, p. 81) destacam que “as faltas frequentes, as irregularidades nos horários de entrada e saída na escola também dificultam a adaptação por isso tende a se estender por mais tempo.” Os pais se sentem inseguros, pois é tudo novo para eles. Alguns sentem medo, insegurança devida à separação, desconfiança por pessoas estranhas ficarem com seus filhos. Tudo isso é natural que aconteça.

Mesmo que os professores e coordenadores deem todo o suporte necessários para os pais, eles ainda sentem inseguros, mas tudo isso acontece nos primeiros dias ou meses dependendo da adaptação dos bebês.

3.2.5 Pontos negativos do processo de adaptação

Quanto aos pontos negativos do processo de adaptação, para as mães os relatos foram:

“Deixar o bebê chorando” (mãe C);

“A mudança de rotina de casa para a escola” (mãe C);

“A entrada de novos bebês gera um novo processo de readaptação



constante” (mãe B);

“Ficar disponível durante uma semana para acompanhar e seguir as regras da escola” (mãe A);

“Estabelecer relação de confiança com pessoas desconhecidas”. (mãe A).

Para as professoras, questionadas sobre onde está a maior dificuldade na adaptação dos bebês, as respostas foram:

“A insegurança dos pais” (professora 1);

“A falta de tempo para fazer a adaptação conforme as orientações das professoras” (professora 3);

“A quantidade de alunos em sala” (professora 1);

“A maior dificuldade está na relação com a família que passa insegurança aos bebês” (professora 2).

Para estabelecer uma relação de confiança entre pais e professores, uma primeira sugestão seria uma reunião conjunta entre pais, professores e coordenação. Atualmente, isso é feito de forma isolada na escola. Há uma conversa inicial dos pais com a coordenação e posteriormente uma reunião dos pais com os professores. Confiança não é algo que se adquire em um único momento, é uma construção. Assim, promover mais momentos de contato entre esses três atores do processo parece ser importante. Além de esclarecer as regras da escola e explicar como funciona o processo de adaptação, seria indicado dar voz aos sentimentos de angústia dos pais e mostrar que os desafios do processo são conhecidos pela escola e que a participação efetiva dos pais é fundamental. Esses momentos de contato e construção de vínculo poderiam ser, além das conhecidas reuniões, palestras com profissionais de áreas correlatas (pediatria e psicologia, por exemplo), eventos de acolhimento e descontração para as famílias, como um piquenique, visita a um parque ou uma “festa” da família. Novamente, o objetivo é fazer com que as angústias e preocupações de cada família venham à tona e compartilhar esses sentimentos com as outras famílias é algo que pode ajudar no processo de adaptação. Acredito que seja uma forma de ver a adaptação como um processo individual, que é, mas também coletivo.



Nesses momentos, o professor pode conversar com os pais para conhecer melhor a rotina de cada criança, perguntando o que gosta de comer, como costuma dormir, o que gosta de brincar, auxiliando no processo gradual de inserção na rotina da escola.

Ainda nessa conversa com a família, pode-se pedir para que traga um brinquedo ou um “cheirinho” que a criança mais gosta.

Em relação à disponibilidade de tempo por parte das famílias para permanecerem na escola durante o período inicial, o problema é conciliar o trabalho dos pais com a necessidade de ficar na escola durante o processo de adaptação. A sugestão é que, já na matrícula, a escola esclareça que o processo de adaptação acontece de forma gradativa e que é indispensável a presença dos pais ou responsáveis nos primeiros dias (em torno de uma ou duas semanas). Temos visto que esse problema não ocorre com aqueles que entram na escola no início do ano, participando das reuniões desde o começo. Entretanto, é uma dificuldade recorrente para aqueles que entram depois do início do ano, por exemplo, em abril ou maio. Alguns pais pensam que podem simplesmente deixar o bebê na escola porque precisam ir trabalhar e acham que o bebê é muito tranquilo. Assim, parece que faltou um esclarecimento, uma falta de comunicação entre a escola e as famílias que matriculam seus filhos fora do período regular.

Essa necessidade de tempo é relatada na literatura. Bloom-Feshbach (apud Rapoport e Piccinini, 2001) indicam que, considerando que a entrada na creche envolve uma série de mudanças para o bebê e sua família, é desejável que, no período de adaptação, a mãe/pai ou familiar fique junto à criança para auxiliar na exploração deste ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com as educadoras e outras crianças.

3.2.4 Sugestões de melhoria

Por último, sobre o que poderia ser melhorado, as mães responderam: “A sala ser mais exposta para os pais,... ficando a porta aberta” (mãe A);

“A presença do pai ou da mãe poderia facilitar esse processo” (mãe B);
“A participação dos pais nos primeiros minutos da acolhida, dentro da sala” (mãe C);



“Pais poderiam ficar algumas horas nos primeiros dias com seus filhos e as profissionais para que eles se sintam mais seguros” (mãe G).

A maioria dos pais (mães) deram algumas sugestões, sendo que só alguns disseram que não tinham nada a declarar, pois o processo atendeu suas expectativas.

As respostas das professoras foram:

“A quantidade de alunos em sala, quanto menos crianças melhor para o professor e a criança, sendo assim o professor pode dar mais atenção” (professora 1);

“O processo de adaptação envolve as crianças e as famílias, dessa forma as escolas deveriam, antes de iniciar a adaptação com os bebês, trabalhar com os pais. Ajudaria muito no trabalho ao longo do ano letivo, pois eles estariam seguros com os educadores” (professora 2).

Sobre o número de crianças em sala de aula, é importante estabelecer alternativas que sejam sustentáveis do ponto de vista financeiro tanto para a escola quanto para as famílias. Assim, parece viável que, para uma turma de aproximadamente 15 bebês, haja uma professora e duas auxiliares. Desse modo, o professor poderia dar mais atenção para cada bebê enquanto as auxiliares cuidam das trocas de fraldas, higiene e alimentação.

Dependendo do número de crianças, poderia-se ainda dividir a turma em duas no início do período, reunindo-as ao longo do estabelecimento da adaptação.

Segundo a opinião da coordenadora, o que poderia ser melhorado seria:

“Os pais aceitarem e cumprirem as orientações das professoras com mais segurança.”

Segundo a BNCC (2016, p. 32), como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem em uma situação de socialização estruturada.

Segundo Rapoport e Piccinini (2001b, p. 82),



A entrada de bebês na creche, especialmente durante o primeiro ano de vida, é um momento crítico para o bebê, sua família e os profissionais da creche que irão trabalhar com eles, implicando num complexo processo de adaptação. Num contexto social em que as mulheres precisam retornar ao trabalho poucos meses após o nascimento do filho.

O bebê precisa se adaptar ao ambiente que é desconhecido, as rotinas que são diferentes, a alimentação, as pessoas que não são os familiares, a ausência da mãe causa um período crítico.

CONCLUSÃO

Este estudo me possibilitou compreender alguns aspectos sobre a educação dos bebês. A pesquisa teve como objetivo a adaptação dos bebês em uma escola do ensino privado de Florianópolis-SC.

A pesquisa permitiu compreender que o processo de adaptação não depende só das crianças, mas especialmente dos adultos envolvidos: pais, professores e coordenação. Com a chegada de uma nova criança em um espaço já constituído, é possível perceber que o olhar do professor deve ser voltado aquele bebê recém chegado, sendo assim, ocorrem mudanças na rotina do grupo já envolvido no processo de adaptação.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas e a aplicação de questionários respondidos por pais, professores e coordenação. A partir desses dados, encaminhamos o trabalho para o estabelecimento de três pontos chaves no processo de adaptação: a necessidade de estabelecimento de confiança entre pais e profissionais; o número de crianças na sala; e a disponibilidade de tempo por parte das famílias para permanecerem na escola durante o período inicial. Apontamos sugestões que acreditamos serem viáveis no contexto escolar estudado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC, SEF, 1998. 103p.

GONÇALVES, J. P.; DAMKE, A. S. O Processo de Adaptação: Os Primeiros



Dias da Criança no Ambiente Escolar. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-420-05.pdf>> Acesso em 27 fev. 2017.

GROPPO, Luís Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em educação**. 2. ed. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2007.

PANIAGUA, G.; PALACIOS, J. **Educação Infantil**: Resposta educativa a diversidade. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças à creche: Alguns Aspectos Críticos. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209>> Acesso em 28 fev. 2017.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A.. Concepções de Educadoras Sobre a Adaptação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v17n1/5407.pdf>> Acesso em 28 fev. 2017

RODRIGUES, Zoleima Pompeo. A ação docente e as dimensões educativas que subsidiam a inserção das crianças no contexto educativo da creche. Florianópolis 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/130161/artespedinfpfns2ed004.pdf?sequence=1>> Acesso em 13.mar. 2017

PORCINO, A. P. C.; BERNARDES, R. S. Para além do cuidar: adaptação e acolhimento na creche. **Síntese**: Rev. Eletrônica SIMTEC. Campinas, SP n. 6 p. 207 set.2016 ISSN 2525-5398

BRITES, S. A. N. D. Adaptação de bebês à creche aos seis meses de idade: aspectos que facilitam ou não esse processo. XXVI Salão de iniciação científica da UFRGS. Porto Alegre 2014.

WORST, L.; Adaptação de bebês na educação infantil. Universidade do Estado do Mato Grosso, Sinop/MT-Brasil. Jun./jul. 2016.

MARTINS, G. D. F.; BECKER, S. M. S ; LEÃO, L. C. S ; LOPES, R. C. S ; PICCININI, C. A. Fatores associados à não adaptação do bebê na creche: da gestação ao ingresso na instituição. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa. Jul-Set 2014, Vol. 30 n. 3, pp. 241-250.

JACQUES, Rubia Eneida Holz, Inserção na creche e relações sociais: estudo de caso de um bebê recém- chegado / Rubia Eneida Holz Jacques; orientador,



Eloisa Acires Candal Rocha – Florianópolis, SC, 194 p.
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134911/334230.pdf>

ROCHA, E. A. C; OSTETTO, L.E. In: SEARA, I. C. et al. (orgs.). **Práticas pedagógicas e estágios**: diálogos com a cultura escolar. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p. 103-116.